



# A PAZ QUE ANUNCIAIS ESTEJA EM VOSSOS CORAÇÕES

*A todos  
os irmãos capuchinhos  
e às irmãs capuchinhas*

*Caros irmãos e irmãs,*

«A paz que anunciais com a boca  
mais deveis tê-la em vossos corações...»

*(Legenda dos Três Companheiros, 58).*

1. Aos 22 de janeiro de 1995, dois jovens palestineses com bombas amarradas em seus corpos jogaram-se no meio de um grupo de soldados israelenses —jovens como eles—, matando a si mesmos e mais 19 israelenses e ferindo outras 60 pessoas. Pouco tempo depois, o irmão de um desses dois palestineses disse: «*Inicialmente chorei, mas logo parei. Quando vi carne e sangue dos hebreus senti-me feliz*».

Um ódio tão violento faz estremecer o sentimento de humanidade que se enraizou profundamente em cada um de nós. Um ódio tão violento, na verdade assas difundido no nosso mundo, faz sentir-nos um pouco semelhantes ao frade que se admirava e indignava diante da sugestão de Francisco, que saudava desta maneira: «*O Senhor vos dê a paz!*» (*Legenda Perusina, 67*). O frade envergonhava-se de usar semelhante saudação porque lhe parecia ridícula! Talvez nós não nos sintamos ridículos, mas quando refletimos sobre nosso ministério de paz certamente temos a impressão de uma trágica futilidade.

2. E, no entanto, o compromisso de paz e de reconciliação é essencial em nossa vida e em nossa vocação franciscana. É impressionante observar quantas vezes Francisco fala desta missão. Lembro alguns exemplos:

- «**Aconselho, admoesto e exorto a meus irmãos em nosso Senhor Jesus Cristo, que (...) não discutam, nem porfiem com palavras, nem façam juízo de outrem, mas sejam mansos, pacíficos, modestos, afáveis e humildes, tratando a todos honestamente, como convém**» (*Rb III, 10-11; Rnb XVI, 6*). As palavras em negrito manifestam a importância que Francisco atribuía a esta exortação.

- «Como saudação, revelou-me o Senhor que disséssemos: "O Senhor te dê a paz"» (*Testamento*, 23).
- «São verdadeiramente pacíficos os que, no meio de tudo quanto padecem neste mundo, se conservam em paz, interior e exteriormente, por amor de nosso Senhor Jesus Cristo» (*Admoestações*, XV).
- «Anunciava sempre a paz a homens e mulheres, aos que encontrava e aos que lhe iam ao encontro. Dessa forma, muitos que tinham desprezado a paz, como também a salvação, pela cooperação do Senhor abraçaram a paz de todo o coração, fazendo-se também eles filhos da paz (...)» (*I Cel X*, 23).

3. Este ministério de paz e de reconciliação inicia em nós mesmos, em nosso coração, em nossas fraternidades e Províncias. Nunca conseguiremos exorcizar o demônio da violência da sociedade humana se não pensarmos, antes de tudo, na violência presente em nossa vida. Existe um tipo de ira e de violência que transformam o mundo em um deserto. As nossas fraternidades e a nossa vida pessoal não se isentam desta avassaladora doença. Francisco teve a coragem de enfrentar as raízes da violência em seu próprio coração! Um diálogo muito significativo é o seguinte entre Francisco e o Bispo de Assis:

*Bispo:* «Vossa vida parece-me dura e áspera, sem os recursos dos bens temporais».

*Francisco:* «Senhor, se possuíssemos haveres, ser-nos-iam necessárias armas para nossa proteção. Pois é daí que surgem litígios e contendas que de muitas maneiras costumam impedir o amor de Deus e do próximo. Portanto, neste século não queremos possuir nada de temporal» (*Legenda dos Três Companheiros*, 35).

Francisco não iniciou criticando o mundo. Começou a criticar o seu coração. E assim encontrou a «raiz» de sua pessoal «violência» no desejo de possuir, de ter, de controlar.

4. Somos chamados à conversão: «A paz que anunciais com a boca mais deveis tê-la em vossos corações...». Antes de destruir a couraça de violência que existe em nosso mundo, urge examinar o nosso coração. Em primeiro lugar devemos perguntar-nos: Qual é a minha pessoal «raiz de violência»?

4.1 *É um individualismo exagerado?* É este que me provoca a atacar com violência pessoas ou coisas que me ameaçam ou desafiam o direito que possuo à minha realização pessoal e ao controle do meu destino. É a motivação que alimenta o «direito» ao aborto e à reação violenta —e portanto perversa— contra esse tal «direito»! Como filho do continente norte da América, devo reconhecer que esta é uma realidade de pecado que herdei de minha cultura.

4.2 *Tornamo-nos duros por causa da violência?* Muitos aspectos das divertimentos de hoje estão condicionados pela violência. Freqüentemente a violência é um divertimento! Com as modernas técnicas de visão e de som, os mais violentos acontecimentos podem ser reproduzidos com espantoso realismo. Quantas vezes permitimos que os meios de comunicação nos entretenham com sua torpe pornografia? E como está influenciando este «regime» de violência em nossos níveis de tolerância, em nossos valores, em nossa esperança? Escrevendo sobre a virgindade e o celibato, frei Raniero Cantalamessa nos alerta sobre o formidável poder da sedução exercitado pela imagem na sociedade: «O melhor caminho para vencer este poder de sedução das imagens é não "comprazer-se" com elas e nem de "encantar-se" diante das vaidades. Se você as olhar, já conseguiram

vencê-lo. Era exatamente isto o que elas pretendiam de você: serem contempladas. "Afasta os meus olhos das coisas vãs", assim o salmo nos ensina a rezar (Salmo 119,37)».

Estas palavras se aplicam com a mesma força ao dever de dominar nossa ira e violência. E o remédio proposto é também válido: uma sadia "dieta" das imagens torna-se mais importante que o jejum de alimentos.

4.3 *Aceitamos a violência institucionalizada?* Um franciscano pode efetivamente crer no militarismo, em suas mais repressivas formas de prisões ou até na pena de morte? Ou estes são apenas os sinais de nosso medo e de nossa impotência?

5. «A paz que anunciais com a boca mais deveis tê-la em vossos corações...». Se desejarmos comunicar a paz ao mundo, Francisco nos ensina a necessidade de enfrentar, com honestidade, as raízes da violência das quais estamos contaminados. E ele nos indica também a recompensa de semelhante honestidade:

«... por vossa mansidão, todos sejam levados à paz, à benignidade e à concórdia. POIS É PARA ISTO QUE FOMOS CHAMADOS: PARA CURAR OS FERIDOS, REANIMAR OS ABATIDOS E TRAZER DE VOLTA OS QUE ESTÃO NO ERRO»  
(*Legenda dos Três Companheiros*, 58).

Necessitamos conhecer as raízes da violência que se encontram em nosso coração. Este é o primeiro passo. O segundo é o de despedaçar a couraça de violência que, de uma maneira ou outra, se aninhou em nossa estrutura pessoal, criando o "falso-nós" que guerreia contra o Espírito de Cristo. Normalmente é um trabalho lento e penoso, que exige intensa reflexão e grande paciência. Um trabalho que alcançará seu objetivo somente com a graça de Deus, que humildemente a imploramos. É com este espírito de confiança que a cada um de vós dirijo minha saudação: *O Senhor vos conceda a paz!* Quando estamos certos e seguros deste dom, alcançaremos do Espírito a força de elevar esta outra oração bem conhecida: «SENHOR, FAZEI DE MIM UM INSTRUMENTO DE VOSSA PAZ!»

Roma, 23 de fevereiro de 1995.

Fraternalmente,

*Fr John Corriveau*

Frei John Corriveau, OFM Cap.

Ministro geral



«O ministério de paz e de reconciliação inicia em nós mesmos, em nosso coração, em nossas fraternidades e Províncias».